

6

A NECESSIDADE DE COMUNIDADES ESTÁVEIS, AMPARADORAS E DE CONTINUIDADE CULTURAL

Comunidades e culturas fornecem o contexto ou a estrutura para as outras necessidades irredutíveis que discutimos. É fácil esquecer esse componente vital. Os esforços da parte das crianças serão proporcionais aos apoios das famílias, às comunidades e a culturas dentro das quais a criança se desenvolve. Ao mesmo tempo, têm havido importantes debates sobre como equilibrar, por exemplo, respeito por padrões culturais enquanto se possibilita às famílias uma adaptação a uma sociedade complexa, uma interação com outros grupos culturais e a satisfação das demandas da escola e, eventualmente, da força de trabalho. Esses debates têm girado em torno de abordagens educacionais para crianças pequenas. Por exemplo, em que grau a língua da família deveria ser o veículo para aprendizagem na escola, e em que grau a criança deveria ser desafiada a aprender na língua do país? O quanto a civilização ocidental deveria ser enfatizada e o quanto deveria ser ensinado sobre outras civilizações mundiais ou sobre a história particular de um grupo étnico? À medida que essas questões são levantadas, é possível ver que o problema de continuidade cultural não é fácil em nível prático.

Embora todos concordem sobre a importância de comunidades estáveis, auto-suficientes que tenham um senso de identidade e coesão próprios, há importantes debates ocorrendo aqui, também. Em que grau incentivos federais ou estaduais deveriam ser oferecidos a comunidades individuais de modo que elas, através de seus grupos de cidadãos, igrejas, sinagogas ou outras organizações determinem as prioridades para esses recursos e sua implementação e avaliação? Ou em que grau essas prioridades deveriam ser determinadas por órgãos federais, estaduais, ou municipais? Aqui questões de perspectiva e controle também são importantes.

Essas questões de controle ocorrem nas escolas, entre outros locais importantes. Em que grau as famílias locais supervisionam e fornecem orientação para educação pública? Ou em que grau a educação pública é orientada por órgãos estaduais, municipais e federais e conselhos de educação que, embora eleitos, parecem muito

distantes das preocupações de uma família em uma comunidade que está utilizando uma escola de ensino fundamental local. Calorosos debates cercam o calendário escolar e o apoio através de taxas para escolas paroquiais e religiosas.

Quando uma comunidade cria uma escola, ou quando um determinado indivíduo, com o forte apoio de um grupo de famílias, cria uma escola, ou quando uma escola é dirigida por uma organização religiosa com fortes raízes e supervisão locais, há um senso muito maior de intimidade e imediatismo para a supervisão e regulamentos daquela escola. Contudo, há também um forte apoio para padrões estaduais ou nacionais e educação pública livre e igual para todos. Embora todos concordem sobre a importância de as famílias terem alguma participação, há uma variedade de graus em que isso ocorre, dos conselhos de educação e supervisão estadual e municipal muito distanciados, a uma escola de bairro dirigida pelas famílias que vivem todas ao alcance da vista e ao alcance do ouvido umas das outras.

Como podemos instilar em nossas crianças um respeito por sua própria singularidade cultural e também ajudá-las a dominar os instrumentos da língua, da matemática, da história, etc. que serão necessários para operar na sociedade mais ampla? Aqui, o dilema é mais aparente do que real. Todas as crianças precisam dominar certas formas de linguagem escrita que caracterizam a sociedade na qual elas operam. A questão é se a linguagem falada em casa é vista como um ponto forte que as ajuda a entender novos conceitos, ou é ignorada e é vista como um competidor para nova aprendizagem. Se uma determinada língua ou dialeto tem termos únicos para transmitir certas idéias ou sentimentos, a questão que surge é se há termos comparáveis usados por outros, de modo que possa haver um vocabulário compartilhado para transmitir esses sentimentos e atitudes. Além disso, quando se está lutando com novos conceitos, como os conceitos de justiça, devoção e responsabilidade, dever-se-ia buscar a linguagem usada em diferentes grupos culturais que são parte da discussão para ajudar a entender e freqüentemente intensificar estes conceitos. Por exemplo, as culturas asiáticas podem ter um conjunto de conceitos mais desenvolvido para entender responsabilidade familiar e lealdade do que as culturas americanas ou européias.

Ir e voltar entre a sutileza de nossa própria língua e a sutileza de uma nova língua ajuda-nos a dominar novos conceitos e termos. Mas os pontos de referência para significados emocionais sutis são sempre mais fortes em nossa língua básica. Por essa razão, encorajamos os pais a interagir com seus próprios filhos na primeira língua dos pais por pelo menos parte do dia.¹ Esse deveria ser o caso se a própria língua da pessoa fosse simplesmente uma variação da linguagem comum devido a diferenças regionais ou culturais, ou se fosse uma língua inteiramente diferente.

Da mesma forma, ensinar história não requer uma escolha entre a história de grupos culturais particulares ou a forma ocidentalizada de história (p.ex., a história dos continentes europeu e americano). O foco não deveria ser qual história é estudada e que conteúdo é estudado, mas sim os processos de entendimento da história, os mecanismos pelos quais o passado pode nos informar. História asiática, história africana, história americana e história européia podem ser todas estudadas com uma ênfase mais na análise histórica do que no conteúdo regional. Tornar-se um

“historiador” é diferente de dominar os fatos da Guerra Civil. O estudo de uma guerra pode ser usado como uma janela para entender conflito e guerra em geral. Abordada dessa forma, nem a história, nem o uso da língua precisam ser conflitantes. Diferentes línguas e diferentes histórias podem ser mutuamente esclarecedoras se o objetivo for o processo de aprendizagem, em oposição à memorização concreta de fatos específicos.

À medida que examinamos os temas de continuidade cultural, em termos da forma como linguagem, alfabetização e história são ensinadas, ou à medida que examinamos a estrutura de gerência das escolas, vemos que o debate entre assimilação e diversidade não pode ser resolvido por declarações globais amplas. Embora certamente uma filosofia geral de respeito por diferenças culturais e regionais seja vital, as questões devem ser debatidas e resolvidas na prática real antes que um equilíbrio vital possa ser encontrado.

A questão é ainda mais complicada porque muitas regiões e muitas cidades são bastante diversas, constituídas de muitos grupos culturais diferentes com formações diferentes, aumentando a complexidade de como se pode respeitar cada um dos aspectos da diversidade e ao mesmo tempo unir as famílias para um funcionamento comunitário consolidado. Nossos esforços para incentivar comunidades estáveis, integradas, que possam abranger a diversidade enquanto fornecem estrutura e apoio para famílias e crianças, ainda têm um longo caminho a percorrer. Contudo, se quisermos que as necessidades irreduzíveis das crianças descritas neste livro sejam satisfeitas, este tipo de comunidades devem tornar-se a norma.

A fim de entender como as comunidades operam, um de nós (S.I.G.) explorou as diferentes formas como os níveis de organização se comparam aos níveis de desenvolvimento de indivíduos.²

O primeiro nível envolve a forma como uma comunidade fornece proteção e segurança física e um senso de regulação interna. Sabemos que muitas comunidades são caracterizadas por medo e perigo e são incapazes de fornecer segurança. Outras comunidades criam uma base de segurança.

Em um segundo nível, as comunidades são caracterizadas por suas capacidades de fornecer um senso de coerência e de relação entre seus diferentes membros. A comunidade é fragmentada, composta de famílias ou pequenos grupos isolados, ou há atividades que reúnem as pessoas (p.ex., organizações religiosas, associações cívicas, esportes, conselhos zonais, associações de pais e mestres, organizações artísticas)? A comunidade consegue reunir-se sem levar em consideração diferenças culturais individuais, tal como em defesa de oportunidade econômica, serviços de saúde, ou melhor educação? O bem-estar das crianças na comunidade é um princípio organizador?

Em um outro nível, ainda, as comunidades são caracterizadas por como seus membros se comunicam uns com os outros na busca de objetivos intencionais e em que grau eles entendem as expectativas e padrões culturais uns dos outros. Em um nível mais avançado, as comunidades são caracterizadas pelo grau em que compartilham certos símbolos, valores ou ideais que são mais amplos do que crenças e comportamentos individuais. Um exemplo seria o apoio para valores como igual-

dade, os direitos humanos, justiça ou proteção ambiental. Em contraste, algumas comunidades reúnem-se em torno de crenças mais polarizadas, às vezes criando mentalidades de "nós" contra "eles", que levam ao medo, à desconfiança e à agressão.

No nível mais elevado, as comunidades são caracterizadas pelo grau em que são capazes de auto-reflexão e planejamento ativo para o futuro. Comunidades maduras podem refletir sobre suas próprias necessidades e tomar medidas para planejar e realizar ações que levarão à mudança e melhora com base em circunstâncias variáveis.

As comunidades que lutam por coesão, segurança e estabilidade, mas em que não há comunicação entre os membros ou crenças polarizadas, geralmente não terão os recursos ou energia para ação reflexiva. Há muitos exemplos de comunidades inseguras e caóticas que são fragmentadas em famílias ou indivíduos deprimidos, isolados ou em facções antagônicas com base em crenças polarizadas. Há também muitas comunidades que formaram vínculos coesos que passam por cima de discordâncias culturais e permitem ações reflexivas planejadas em nome da educação, saúde, espaço aberto e outras necessidades das crianças.

Para todos nós, que nos preocupamos com o bem-estar das crianças, a questão importante obviamente se torna que tipos de passos incentivam comunidades coesas, seguras, reflexivas em comparação com comunidades inseguras, polarizadas, fragmentadas e/ou desconfiadas.

Para começar, grupos que são apoiados, em termos de sua identidade cultural única (e que portanto têm um forte senso de identidade pessoal), são, através daquela segurança, mais capazes de compreender as diferenças de outros. Ao mesmo tempo, o senso de segurança, identidade e significado que se origina do apoio aos próprios antecedentes únicos da pessoa precisa ser equilibrado com os instrumentos e o conhecimento da comunidade mais ampla. Estes trazem um senso de domínio do ambiente dentro do qual a pessoa se encontra. Um grupo cultural em uma sociedade mais ampla sem as habilidades educacionais, políticas e econômicas necessárias podem muito bem sentir-se isolado e ansioso e ter menos probabilidade de participar de uma maneira reflexiva da comunidade mais ampla em torno dele.

Quais são alguns dos passos práticos específicos que podem fortalecer e integrar uma comunidade? Já mencionamos supervisão da comunidade e níveis adequados de controle de programas, incluindo programas educacionais realizados por aquela comunidade. Organizações existentes, como igrejas e sinagogas ou organizações comunitárias, ou regionais, podem ser um começo. Programas realizados nessas organizações locais fornecem uma oportunidade para que elementos da comunidade comecem a reunir-se e a desenvolver estruturas coerentes.

Ao lidar com comunidades fragmentadas, é difícil muitas vezes saber por onde começar. Comunidades que são organizadas e funcionam bem tendem a conseguir mais serviços de apoio porque são capazes de competir mais efetivamente. Por outro lado, certos serviços precisam ser direcionados a ajudar comunidades a organizar-se de uma forma fundamental.

As comunidades muitas vezes organizam-se com sucesso em torno das escolas. As escolas fornecem um modelo proveitoso para outros serviços comunitários, porque elas já existem em toda comunidade de bom tamanho. Em algumas escolas, já há participação ativa de pais através do CPM do conselho de educação local e de arranjos mais informais (encontros com professores, etc.). Em outras escolas, os pais permanecem um pouco alienados e, embora alguns possam comparecer a encontros com professores, se mantêm basicamente afastados da gerência da escola ou de seu programa educacional. Para atender a criança e as famílias em uma região, as escolas devem estar em algum grau sob controle local, com os pais cujos filhos freqüentam a escola fornecendo supervisão (como na maioria das escolas privadas). Uma vez estabelecida essa estrutura de gerência, pais e representantes da comunidade podem ampliar o papel das escolas.

Que tipo de atividades pós-escola ou atividades vespertinas podem fazer parte dessa importante estrutura que deriva do dinheiro dos contribuintes? Poderiam as escolas responder também por algumas das necessidades que discutimos em termos de atividades à tarde, particularmente para aquelas crianças de risco, ou de um lugar onde serviços de saúde e social possam tornar-se mais acessíveis a uma comunidade? Em outras palavras, as escolas têm a possibilidade de serem muito mais do que são.

Também é importante que os pais tenham encontros regulares com os professores e que a escola chegue a pais excessivamente ocupados, ou pais que possam estar preocupados com problemas familiares e não envolvidos na vida educacional de seus filhos.

Edward Zigler e Jamer Comer de Yale estabeleceram modelos para ampliar o papel e controle das escolas. Em seus programas, pais e membros da comunidade são envolvidos em todos os aspectos da atividade escolar, e esta expande-se para a comunidade.³ O objetivo de melhorar o controle da escola é fundamental para o objetivo de longo prazo de organizar e melhorar toda a comunidade para famílias e crianças, bem como os benefícios educacionais imediatos.

Em muitas comunidades há desafios enormes, com crianças metendo-se em dificuldades após a escola devido à falta de supervisão familiar ou falta de atividades adequadas. "Vadiagem" e arruaças tomam o lugar de esportes, música, dança ou ciências, equipes de debate ou outras atividades que seriam mais construtivas e teriam um valor de longo prazo muito mais positivo.

Em bairros e comunidades de alto risco as escolas podem precisar tornar-se instituições de 24 horas para apoiar o desenvolvimento de crianças e famílias daquela comunidade. Isso significa um programa pós-escola muito mais ambicioso com todos os tipos diferentes de atividades, de trabalho educacional de reforço para aquelas crianças que precisam dele para aumentar as oportunidades de aprendizagem em ciências, matemática, arte, literatura, e uma variedade de atividades de teatro, música e esportes. Aquelas crianças que têm vida e supervisão familiar ativas e querem apenas brincar com os amigos poderiam não necessitar desses programas, mas outras opções estariam disponíveis, não simplesmente em um

ambiente de creche ou restrição, mas com um programa de aprendizagem pós-escola ambicioso.

Em nível de ensino médio, vemos crianças envolvidas em muitas atividades pós-escola, participando de uma, duas ou três equipes esportivas, de peças de teatro. Embora tal atividade pareça boa teoricamente, ela não é realmente útil para a grande maioria das crianças. Apenas 15 crianças formam o time de basquete principal, por exemplo, quando talvez 100 aspirem a entrar no time. Essa ênfase em equipes principais é realmente um uso justo do dinheiro do contribuinte e dos recursos da comunidade, quando ser membro do time fornece não apenas uso saudável de energias e habilidades atléticas, mas também lições sobre trabalho de equipe, comportamento saudável e, quando bem-conduzido, valores positivos. Talvez muito melhor do que simplesmente ter um time com três treinadores e todos os recursos, seria ter em nível escolar uma variedade de diferentes ligas. Poderia haver três ou quatro níveis, de modo que todas as crianças que desejassem praticar esportes competitivos pudessem estar em um time e jogar contra outras escolas em uma atmosfera competitiva e divertida. Embora a escola tivesse de contratar alguns treinadores adicionais ou ter voluntários da comunidade para ajudar, não obstante entre os times dos meninos e das meninas e os dois ou três níveis de jogo, a maioria das crianças que está interessada em um esporte poderia ser acomodada. Crianças que aspiram a melhorar poderiam passar de um nível para outro. Dessa forma ninguém fica de fora, e os esportes são para todos.

Similarmente, o teatro é altamente competitivo na maioria das escolas e apenas um punhado de crianças ganha um papel e faz a peça. Isso, também, parece uma forma infeliz e injusta de usar o dinheiro do contribuinte, no qual apenas os talentosos têm uma chance de aperfeiçoar suas habilidades e os outros acabam observando os poucos afortunados. Não há razão para a escola não poder encenar duas ou três peças ao mesmo tempo, com voluntários da comunidade ajudando. Cada peça pode ser menos elaborada em valores de produção, mas mais crianças teriam uma chance de participar. Em outras palavras, o princípio é atividades pós-escola para todas as crianças. A forma como isso acontece agora é a maioria dos alunos talentosos, atlética, musical, dramática, ou academicamente, terem lugar garantido nas atividades pós-escola, e outros alunos menos talentosos ou tímidos, que necessitam de prática extra ainda mais, acabarem "vadiando", metendo-se em confusão, ou simplesmente tornando-se mais passivos e absortos.

Mas as atividades pós-escola são apenas um elemento do tipo de programas que as escolas poderiam lançar em nome da criação de coesão, diálogo e partilha de valores e objetivos para uma comunidade. Uma comunidade poderia ter acesso às escolas também para programas vespertinos. Estes podem envolver classes de educação para pais, serviço social e cuidado de saúde para famílias, atividades vespertinas para crianças mais velhas e adolescentes e reunião de membros e líderes da comunidade para discutir orientações. Em outras palavras, a comunidade deveria ser capaz de usar a propriedade sustentada pelos impostos (i.e., a escola), para uma variedade de propósitos de acordo com as prioridades daquela comunidade.

O interesse comum em educação e gerência para educação poderiam então ser o início de um processo de colaboração que pode estender-se para outras necessidades da comunidade, incluindo serviço social, saúde, educação para adultos e programas orientados à prevenção para crianças e adolescentes, que incluiriam prevenção de abuso de substância, comportamento delinqüente e práticas de saúde insatisfatórias. Programas de aconselhamento também podem ser uma parte tanto das atividades escolares como do pós-escola.

Na maioria das comunidades, entretanto, há também famílias que requerem mais do que simplesmente serviços de apoio organizados através de escolas e outras instituições. Se um pronto-socorro não é capaz de cuidar de pacientes gravemente doentes, um hospital inteiro ficará desmoralizado em sua capacidade de realizar sua principal função de manter e melhorar a saúde. Da mesma forma, as comunidades devem ter uma capacidade de cuidar daqueles que mais necessitam. Há famílias com múltiplos riscos e múltiplos problemas, com depressão ou doença mental, abuso de substância química, dificuldades conjugais severas e, como conseqüência, dificuldades severas em criar seus filhos.⁴ Devido a anos de impotência, passividade, desconfiança e evitação inatas, freqüentemente ocorrendo através de muitas gerações, muitas famílias com tais características são incapazes de usar órgãos de saúde, serviço social, ou saúde mental tradicionais para assistência. Em vez de procurá-los, elas se envolvem em práticas mais autodestrutivas, como abuso de substância química ou isolamento social. Muitos programas que lidam com uma quantidade desses desafios têm demonstrado efetividade.⁵ A chave para esse tipo de programa ser empreendido com sucesso em uma comunidade de famílias necessitadas é sua abrangência e capacidade de alcance.

Uma forma de criar esses programas é através da formação do que foi descrito (SIG) como uma aldeia vertical. Um edifício de apartamentos, de bom tamanho, poderia servir de estrutura física. Essa aldeia vertical abrigaria uma variedade de residentes: algumas famílias muito disfuncionais; algumas outras famílias, tanto trabalhadores como vivendo da Previdência Social, que manejam com mais competência suas vidas; algumas pessoas mais velhas, talvez aposentadas, pessoas vivendo sozinhas ou com parentes; alguns adultos sem filhos.

Serviços visando tanto às crianças como a seus pais estariam disponíveis no próprio edifício. Uma creche para bebês e crianças bem-equipada, com bom pessoal, por exemplo, poderia receber crianças pequenas basicamente desde o nascimento. Tanto crianças quanto adultos viriam diariamente, os mais jovens passando seu tempo em atividades recreativas e de aprendizagem, os pais aproveitando-se da educação e orientação adequadas às suas necessidades. Os membros da equipe trabalhariam para formar vínculos pessoais duradouros com cada membro, ajudando os adultos a desenvolver habilidades parentais e ao mesmo tempo oferecendo às crianças um cuidado familiar, seguro para apoiar seus pais excessivamente estressados. Para cada família de alto risco, uma pessoa da equipe assumiria o papel de "parente" substituto, por exemplo, uma tia ou avó compreensiva, competente. O profissional treinado estabelecerá um vínculo permanente com a família, sendo

se aqueles pais manejam os problemas pessoais que atrapalham o cuidado de seus bebês, e se as crianças recebem o cuidado de que necessitam em cada estágio do desenvolvimento, independente da capacidade de seus pais de fornecê-lo.

O treinamento *Touchpoints* (TBB) é um exemplo de apoio construído em torno de relacionamentos. Ele é um modelo de alcance designado a criar relacionamentos de trabalho entre atendentes (provedores de cuidados de saúde), provedores de cuidado infantil (creches), intervencionistas precoces e pais. A teoria é que, se podemos mudar o modelo de alcance de um modelo de déficit ou falha para um modelo que valorize os pontos fortes dos pais, usando o desenvolvimento da criança como linguagem de comunicações, os pais se tornarão mais envolvidos em cada um desses programas. A equipe em torno do provedor também é treinada para alcançar pais vulneráveis. Cada *Touchpoint*, ou regressão no progresso de desenvolvimento da criança se torna uma oportunidade para compartilhar e aprofundar a relação provedor-pai. O conhecimento é compartilhado, e não “ensinado”, e os pais se tornam abertamente disponíveis. A adesão é milagrosamente aumentada quando os pais preenchem uma parte essencial do progresso da criança. Eles se sentem apoiados e compreendidos. O modelo negativo ou focalizado na doença nunca funcionou para cimentar relacionamentos. Se queremos incluir os pais, precisamos treinar equipes de apoio em cada um desses sistemas de contato. Os pais estão disponíveis e necessitados. (Ver Orientações do *Touchpoints* no Apêndice.)

Trabalhando com o mesmo assistente de confiança durante um período de quatro ou cinco anos, a criança poderia adquirir um centro de estabilidade que permaneceria firme a despeito dos problemas que pudessem ocorrer em casa. Uma mãe muito deprimida para responder a seu bebê adequadamente, portanto, não o privaria totalmente do apoio e interação de que ele necessita para construir relacionamentos ou dominar a comunicação. Mesmo mães viciadas podem tornar-se disponíveis se o futuro de seus filhos for o foco do programa. Uma recaída de drogas ou episódio de tratamento de desintoxicação hospitalar não transformaria o mundo da criança em um turbilhão confuso nem lançaria a criança na incerteza de uma adoção. Com atendimento de 24 horas, o centro seria um porto seguro em qualquer ocasião e pelo tempo que fosse necessário, cortando drasticamente o caos nas vidas das crianças.

Esse recurso confiável, disponível, também traria ordem e responsabilidade à vida dos pais, oferecendo, além de instrução em habilidades parentais, oportunidades para aconselhamento pessoal, tratamento de drogas, educação para a saúde e para o planejamento familiar, cursos para completar o equivalente ao ensino médio e treinamento profissional ou assistência para busca de emprego.

A equipe noturna consistiria também de pessoas familiares e de confiança, tirando dos pais a pressão de cuidar dos filhos quando eles não têm condições. Um pai em crise sempre teria um lugar onde procurar ajuda e, por sua vez, a equipe do centro exigiria que o pai satisfizesse um nível mínimo de maturidade antes que a vida familiar pudesse ser totalmente reassumida, desse modo impondo padrões de cuidado responsável.

Para fazer esse sistema funcionar, cada família com problemas deveria pertencer a uma comunidade coesa, cuja maioria dos membros funcionasse bastante bem. As outras famílias vivendo no edifício – algumas na Previdência, algumas não – também pertenceriam ao centro, com os filhos freqüentando o berçário e os adultos tomando parte em classes, grupos e atividades adequadas às suas circunstâncias. Adultos que buscam oportunidades de emprego, por exemplo, poderiam ser treinados para cuidar de crianças em preparação para assumir posições pagas no centro. Outros adultos, especialmente pessoas mais velhas ou aposentadas com formações em cuidado e educação infantil, poderiam trabalhar no centro como voluntários ou como funcionários pagos. Uma variedade de incentivos financeiros – aluguéis baixos, mensalidades da creche reduzidas, oportunidades educacionais – poderiam atrair residentes para essa “vizinhança” diversa, contudo, equilibrada.

Esse tipo de aldeia urbana retiraria força e apoio da cultura e insituições da comunidade circunjacente. Igrejas, centros comunitários, grupos cívicos e instituições de caridade locais, preferivelmente associadas com a herança cultural ou étnica dos residentes poderiam fornecer recursos sociais, espirituais, recreativos e educacionais. Em vez de ser um gueto para os mais desafortunados, como os abrigos públicos de hoje, a comunidade ofereceria benefícios não apenas para os muito pobres, mas para famílias com outras opções.

Idealmente, pais e filhos de risco fariam parte da rede da aldeia desde antes do nascimento. Em vez de esperar para intervir até após uma criança ter começado a ter dificuldades, a equipe ofereceria ajuda cedo para aumentar as chances de desenvolvimento de cada bebê.

Embora altamente custo-efetivo com o passar do tempo, um programa como esse está longe de ser barato. A falta de pessoal disponível 24 horas por dia fez naufragar tentativas como esta no passado. Quando as famílias enfrentam crises, um número suficiente de pessoal treinado deve estar pronto para intervir e manter o desenvolvimento das crianças. Embora difícil de implementar, os programas para ajudar as famílias necessitadas revelam a essência do que uma comunidade está preparada para dar.

DISCUSSÃO

Competição

TBB: Estamos na verdade falando aqui sobre uma necessidade básica dos pais, bem como das crianças. Assim como falamos anteriormente sobre mães que precisam ser protegidas maternamente, os pais precisam ser incluídos nas camadas da comunidade. Em vez disso, quase sempre temos serviços sociais e de cuidado infantil que enfraquecem o vínculo pai-filho. Vejo isso como um tipo de competição.

SIG: Competição significando...

TBB: Bem, toda pessoa que se preocupa com uma criança pequena está em competição por aquela criança, e então ela inconscientemente tentará manter outras

peças fora do relacionamento. Culpará outro quando algo sair errado com a criança. Isso diz respeito não apenas a pais e pessoas que cuidam de crianças, mas também à custódia, a todos os tipos de questões. A menos que a competição seja trazida à tona, os pais se retraem e ficam ressentidos.

SIG: Sim, quando os pais não têm esse apoio e essa ajuda para refletir sobre suas necessidades, podem ficar magoados e irritados. A situação se torna polarizada. Pais e professores, ou funcionários de creche, ou assistentes sociais fecham-se em competição e rivalidades fúteis. Vê-se isso nas instituições todo o tempo. Quando os subsídios e doações jorram, todos ficam felizes. Mas quando os recursos encolhem, as pessoas regridem para o nível em que há maledicência, pessoas conspirando contra outras e muito conflito. É quando ocorre o que você chama de competição ou impedimento. Ela é mínima quando todos estão bem-alimentados e agasalhados, quando os pais querem trabalhar junto com professores e atendentes como uma equipe.

TBB: A ligação a uma criança que cria a competição pode ser uma força, contudo. Ela pode tornar-se uma coisa boa. Apenas precisa ser trazida à tona. É por isso que acho crítico que na creche pais e funcionários conversem todo o tempo sobre como se sentem, como planejam lidar com isso ou aquilo. Eles não têm de chegar a um acordo, mas têm de estar conscientes dos sentimentos um do outro: "Quando você faz aquilo, eu fico com muito ciúmes" ou "Quando eu venho buscá-la, no fim do dia, e ela chora ao me ver, eu me sinto rejeitada".

SIG: O funcionário da creche, que também está carente, terá mais probabilidade de ser competitivo com o pai e mais crítico. O cuidado de uma criança nem sempre é fácil de compartilhar. Os pais deveriam preocupar-se se a pessoa que cuida de seu filho é muito infeliz e carente de apoio. Digamos que o pessoal da creche não esteja recebendo um salário adequado, ou o chefe do centro é excessivamente crítico – atendentes nessa situação têm mais probabilidade de culpar a mãe por trazer o filho com um resfriado, por exemplo: "Se você cuidasse dele, ele não estaria sempre resfriado". Esse tipo de coisa. Aquele relacionamento antagonista é mais provável quando as funcionárias vêm de uma situação familiar em que elas próprias estão estressadas, ou a situação da creche não é tão apoiadora, ou o salário é baixo. Se elas tiverem maridos amorosos, e o diretor da creche for apoiador e afetuoso, elas poderiam ser mais simpáticas: "Ele está se sentindo melhor? Essas gripes andam por aí".

Nada disso é particularmente um mistério. Em uma instituição ou comunidade com forte apoio social, podemos ver pessoas identificando suas necessidades e elaborando as coisas. Em um ambiente de privação e caos, vemos pessoas representando e se tornando egoístas, com críticas e rivalidades. Assim, tanto com seus pais como com aqueles que cuidam delas, nas escolas e creches, as necessidades das crianças dependem diretamente de famílias assistidas, integradas.

Mas podemos conseguir que as famílias ajudem umas às outras e que a sociedade as ajude? Com frequência supomos que isso deveria estar ocorrendo. Mas a maior parte do tempo isso não acontece, e como fazemos então? Feliz-

mente, há inúmeros grupos que entraram em ação por todo o país para fortalecer famílias.

TBB: O *Family Support America*, em Chicago (ver Organizações no Apêndice), é um exemplo do potencial para reunir os pais para apoio mútuo. Organizações que unem pais de crianças com necessidades especiais, em grupos de ajuda mútua, são um outro caso de quão vital elas podem ser. A *Child Care Action Campaign*, na cidade de Nova York (ver Organizações no Apêndice), é um outro caso de um grupo que está tentando melhorar o cuidado infantil nos Estados Unidos e apoiar pais que estão tendo que trabalhar fora de casa. Nossos programas *Touchpoints* (ver Organizações no Apêndice), em 30 locais em todo o território norte-americano, estão reforçando o cuidado infantil, o cuidado preventivo de saúde e a intervenção precoce para pais em suas comunidades. Eles funcionam e dão aos pais um sentimento de estarem sendo assistidos.

Forças culturais

SIG: Mas há um outro aspecto nisso, a camada cultural, quando você tem programas como o *Touchpoints*, ou programas de intervenção nas comunidades. Eles têm sucesso ou fracassam na medida em que são sensíveis a necessidades culturais e na medida em que as pessoas que fazem parte da cultura os modelam, ao contrário de um programa federal com todos os tipos de regulamentos que são aprovados. Com um programa paternalista, estabelecido de fora para dentro, você só consegue impotência e dependência. Por outro lado, se os participantes estão eles próprios tomando a iniciativa, existe a força do sentimento de que você está fazendo tudo por conta própria e dirigindo seus esforços às necessidades reais.

TBB: Perdemos a família extensiva e o apoio das culturas. Desvalorizamos a etnia. Precisamos repensar tudo isso. Eu sempre me horrorizo, tendo trabalhado com recém-nascidos de muitos grupos étnicos e religiosos e vendo o que a diversidade traz para nossa cultura através dos recém-nascidos, por ver que transformamos a etnia em algo negativo. Gostaria de algum dia ter a chance de estudar, não apenas as raízes das pessoas e o que elas trazem com elas, mas também o que elas estão tendo de abandonar por nossa cultura. Também gostaria de examinar os *Touchpoints*, ou os momentos em que essas diferenças étnicas são postas em dúvida. Digamos que uma criança de quatro anos chegue em casa e fale que estão implicando com ela por causa do seu cabelo crespo, ou – "Minha pele é muito escura". Se soubéssemos mais sobre essas experiências, poderíamos reforçar os pais para eles não caírem em uma armadilha naquele momento, mas para estarem prontos para ela. Um pai poderia dizer, "É claro que eles implicam com você. Eles gostam de você. Todo mundo implica com as pessoas de quem gostam. Eles estão tentando entender por que você é diferente deles. Você entende por que é diferente?". Então aproveite o momento para conversar sobre todos os tipos de diferenças: língua, crenças, cor da pele e assim por diante. Se estivéssemos todos prontos para cada um desses pontos críticos, não ficaríamos

simplesmente reforçando a idéia de que diversidade é uma negativa de uma geração para outra.

SIG: Também podemos examinar diferentes grupos culturais, religiões e bases étnicas e dizer: "De que formas diferenças religiosas, culturais ou étnicas particulares podem apoiar as famílias?". Primeiro, como você estava dizendo, de onde estão vindo as forças? Certas crenças religiosas podem tornar mais fácil satisfazer as necessidades das crianças. Por exemplo, se uma religião defende relacionamentos e envolvimento mais fortes com crianças, ela torna mais fácil estar disponível para seu filho, passar mais tempo com ele, permanecer ali. Você está seguindo um ensinamento religioso e sentindo-se bem por estar fazendo isso. Há freqüentemente mais apoio do que as pessoas imaginam encerrado no espírito, ou filosofia da religião, mas as pessoas podem não estar utilizando daquela maneira. Quase todas as religiões defendem envolvimento familiar forte. Você pode aproveitar isso. Mas pode haver tradições preocupantes, por exemplo, se o castigo corporal for defendido.

TBB: As pessoas usam a religião para defender algumas coisas bastante radicais. Para o bem de sua alma, deixe seu filho chorar, alimente-o apenas a cada quatro horas, não dispense o castigo.

SIG: Deixar a criança chorar?

TBB: Sim. Eu ouvi isso dos pais em certas comunidades.

SIG: Mas é mais útil focalizar-se em apoio e forças. Podemos apontar o envolvimento e a responsabilidade que uma religião ensina.

TBB: Você sabe, todos sentimos um tipo de vazio em relação ao sistema de valores neste país. Muitos dos valores que temos defendido, enquanto nação, não estão funcionando. Estamos procurando melhores. Quando você começa a examinar, percebe que há alguns que deixamos para trás. Muitas das culturas que se misturaram com a nossa tiveram que deixar seus valores para trás. Seria bom que todos nós olhássemos para trás e disséssemos: "O que eu perdi e o que eu ganhei em troca?". Nós abandonamos muitos de nossos valores religiosos e de nossos sistemas de crença étnica e não recebemos muita coisa de volta. Na verdade vemos isso à nossa volta, pessoas voltando para suas bases culturais, étnicas e religiosas.

Valores compartilhados

SIG: Quando trabalho com grupos de diferentes culturas, tento enfatizar o que em suas culturas os fortalecem como pais. Por exemplo, considere um pai que tem um filho hipersensível que está ficando aterrorizado porque está sendo tratado grosseiramente, mas cuja cultura apóia a punição severa. Para ajudar, eu digo: "Bem, você sabe que o Joãozinho tem a pele sensível. Uma palmadinha para você pode não parecer nada, mas para ele é como uma tremenda pancada. É uma coisa realmente apavorante. Eu não acho que você realmente queira apavorá-lo. Não há nada em sua crença que diga para amedrontar crianças, mas diz para discipliná-las. Há formas de discipliná-las e fazê-las ter respeito sem que sintam medo". Os objetivos mais amplos da religião, ou cultura, são

geralmente muito construtivos. É muito interessante examinar as crenças religiosas no contexto de nossos conceitos psicológicos, do que torna um ser humano maduro, saudável.

Todas as religiões e culturas ajudam a sobrevivência de alguma forma, ou elas não teriam resistido. Mas é importante que os indivíduos entendam o que em sua cultura pode oferecer ajuda para um determinado problema que eles estejam enfrentando com seus filhos. Nosso objetivo aqui, para apoiar o desenvolvimento de uma pessoa saudável, criativa, amável, respeitosa, provavelmente é compartilhado pela maioria das religiões e culturas. Na maioria dos casos, uma cultura tem sua própria maneira, única, de satisfazer as necessidades básicas que estamos defendendo aqui. A maioria das culturas defende vínculos familiares fortes, relacionamentos comprometidos, estabelecimento de limites e indivíduos que equilibrem autonomia e compaixão.

TBB: Muitas das culturas minoritárias, contudo, abandonaram valores positivos a fim de enquadrar-se em nossa sociedade dominante. Precisamos tornar os pais mais conscientes disso e permitir-lhes procurar apoio em suas próprias tradições. Mas isto significa abertura e entendimento da parte de todos. Por exemplo, na cultura grega antiga tradicional, os bebês não recebem um nome quando nascem. A mãe nem mesmo quer que um estranho admire seu bebê, por medo que ele seja tirado dela. Se um neonatologista, ou enfermeiro, em uma de nossas maternidades, se deparasse com tais práticas e não estivesse ciente das razões, poderia pensar: "Eles não estão vinculados".

Pais latino-americanos freqüentemente devem abandonar as tradições familiares que trazem consigo quando entram em nossa sociedade. Como resultado, não se sentem apoiados. Eles deixaram para trás muitos dos laços familiares que poderiam ter-lhes fortalecido, à medida que enfrentam o enorme trabalho de integrar-se em nossa sociedade.

RECOMENDAÇÕES

Comunidades familiares e organizações comunitárias estáveis são fundamentos necessários para satisfazer as necessidades irreduzíveis das crianças. Apoios para famílias e forças culturais podem vir de várias direções.

Comunidades coesas

- O apoio da comunidade em nível de bairro inclui familiaridade com outros vizinhos, vigilância de quarteirão (monitoração da propriedade) e intercâmbios sociais, como festas de quarteirão. As famílias obtêm uma identidade pessoal a partir de uma vizinhança e de relacionamentos que sejam sustentadores.
- Igrejas, escolas, associações cívicas, grupos de pais e órgãos de serviços criam a estrutura de uma comunidade. Por sua vez, eles são fortalecidos pela colaboração para uma boa comunidade – limpando as ruas, criando um parque e tendo programas pós-escola, centros de atividade comunitária, etc. O ambiente da

comunidade também é favorecido por organizações consolidadas para além do nível de vizinhança: proteção policial, corpo de bombeiros, enfermeiros de saúde pública, bibliotecas, cooperativas. Muito dessa infra-estrutura social, que pode apoiar famílias, não existe, ou está desgastada em muitas comunidades (p.ex., programas de enfermeira-visitante, igrejas, bibliotecas).

Programas federais e estaduais

- Devem ser planejados, como muitos o são cada vez mais, para funcionar junto com esforços locais o mais completamente possível. Tentativas de controlar escolas locais, organizações e práticas (p.ex., revisões e contabilidade não-produtiva), com frequência, prejudicam os esforços locais. Esses programas poderiam aproveitar melhor as redes sociais e culturais existentes. Novos programas poderiam ser avaliados por um teste de tornassol: "Eles apóiam ou prejudicam o funcionamento familiar e a infra-estrutura social da comunidade" (iniciativas de educação fazem muito pouco para apoiar o funcionamento familiar). Esse tipo de teste nos ajudaria a evitar o pensamento racionalizado, que iniciativas isoladas de programa podem criar para compensar a ausência de alicerces básicos. Novos esforços de pesquisa estão contribuindo para nossa capacidade de avaliar programas.⁶

Famílias com múltiplos problemas

- Os programas para famílias com múltiplos problemas devem estar disponíveis 24 horas para bebês e crianças, apoio e orientação parental e familiar; apoio na crise; capacidades de diagnóstico e intervenção precoce; oportunidades de treinamento educacional e vocacional, tudo integrado no que chamamos de aldeia vertical. Essa aldeia vertical deve ser caracterizada por respeito inabalável por famílias de múltiplos riscos e múltiplos problemas e pela capacidade de persistir com afeto e compaixão a despeito dos enormes desafios. Esse tipo de relacionamento faz parte do programa *Touchpoints* (ver Apêndice).

Creche e escolas

- A fim de criar envolvimento familiar e tornar as escolas mais responsivas às comunidades a que servem, a gerência parental e da comunidade é, portanto, fundamental como primeiro passo. Pais e membros da comunidade, trabalhando estreitamente com professores, estabeleceriam uma estrutura para cada escola pública (semelhante à de uma escola privada) com um conselho local de consultores e comitês de trabalho em todas as áreas importantes (incluindo currículo, atividades especiais, teatro, dança, música e atividades pós-escola).
- Tanto as famílias como as comunidades seriam fortalecidas se as escolas se desenvolvessem para ter um papel mais amplo na comunidade do que simplesmente acadêmico. Isso seria particularmente verdadeiro em bairros e comunidades de alto risco. Esse papel significa um programa pós-escola muito mais ambicioso, que inclui diferentes tipos de atividades, de trabalho educacional de reforço

para aquelas crianças que precisam dele para aumentar as oportunidades de aprendizagem em ciências, matemática, arte, literatura, etc. bem como teatro, música e atividades esportivas para aquelas crianças que estiverem interessadas. Todas as crianças devem ter igual oportunidade de participar de atividades de grande demanda, como esportes e teatro através da criação de diferentes times e ligas e muitas oportunidades de desempenho. Os serviços de saúde poderiam tornar-se mais acessíveis através das escolas. Encontros vespertinos para a comunidade poderiam utilizar prédios de escolas.⁷

- Para famílias com múltiplos riscos ou múltiplos problemas, as escolas poderiam ser estabelecidas como instituições de 24 horas.
- Aqueles que trabalham com crianças pequenas – em creches, serviços de saúde, escolas, ou órgãos de serviço social – deveriam fazer o possível para trabalhar com os pais como uma equipe, em vez de criarem uma competição (impedimento). Ter consciência da competição e discuti-la juntos pode ser um passo importante em direção à cooperação.
- Sem salários adequados e respeito pela importância de seu trabalho, não se pode esperar que os funcionários das creches e os professores apoiem pais ansiosos ou estressados. Elevar o *status* e os salários de professores e funcionários de creches deve ser uma prioridade nacional. Dar-lhes a educação necessária e supervisão posterior seria um grande passo em direção à prevenção da exaustão.
- Aqueles que trabalham com famílias precisam buscar constantemente as tradições e ensinamentos que apóiam o papel de um pai. Os valores e objetivos de longo prazo compartilhados por diferentes religiões e culturas são mais importantes do que os conflitos sobre meios e estilos de parentagem. As igrejas que tratam dessas necessidades básicas já estão contribuindo muito para aliviar o estresse dos pais modernos.

NOTAS

1. Wharton, R.H., Levine, K., Miller, E., Breslau, J. & Greenspan, S.I. (2000). "Children With Special Needs in Bilingual Families: A Developmental Approach to Language Recommendations," *The ICDL Clinical Practice Guidelines*, ed. S.I. Greenspan. In press. Bethesda, MD: ICDL.
2. Ver S. I. Greenspan, with B.L. Benderly, *The Growth of the Mind and the Endangered Origins of Intelligence* (Cambridge, MA: Perseus Publishing, 1997), Chapter 14.
3. Zigler, E. "Addressing the Nation's Child Care Crisis: The School of the 21st Century." *American Journal of Orthopsychiatry*, 59:484-491, 1989; for information on Comer Schools, ver E. Zigler, *Child Development and Social Policy: Theory and Applications* (New York: McGraw-Hill, 2000), pp. 245-246.
4. Ver S. I. Greenspan, S. Wieder, A. Lieberman, R. Nover, R. Lourie, and M. Robinson, *Infants in Multi-Risk Families* (New York: International Universities Press, 1987); S. I. Greenspan, *Infancy and Early Childhood: The Practice of Clinical Assessment and Intervention with Emotional and Developmental Challenges*. (Madison, Conn: International Universities Press, 1992).

5. Greenspan et al., *Infants in Multi-Risk Families*; Stanley I. Greenspan, *The Growth of the Mind* (Cambridge, MA: Perseus Publishing, 1997), Chapter 13.
6. Karr-Morse, R. and M. Wiley, *Ghosts from the Nursery*. New York: Atlantic Monthly Press, 1997. S. Provence and A. Naylor, *Working with Disadvantaged Parents and Their Children: Scientific and Practical Issues* (New Haven: Yale University Press, 1983); A. S. Honig and J. R. Lally, *Infant Caregiving: A Design for Training* (Syracuse, N.Y.: Syracuse University Press, 1981); J. R. Berrueta-Clement, L. J. Schweinhart, W. S. Barnett, A. S. Epstein, and D. P. Weikart, *Changed Lives: The Effects of the Perry Preschool Program on Youths Through Age Nineteen* (Ypsilanti, Mich.: High/Scope, 1984); C. T. Ramey and F. A. Campbell, "Preventive Education for High-Risk Children: Cognitive Consequences of the Carolina Abecedarian Project," *American Journal of Mental Deficiency* 88 (1984): 515-23; Greenspan et al., *Infants in Multirisk Families*.

7

PROTEGENDO O FUTURO

Nenhuma discussão das necessidades fundamentais das crianças estaria completa sem o questionamento do compromisso das nações ricas desenvolvidas com as crianças dos países perturbados ou menos desenvolvidos.

Muitos de nós, nas nações desenvolvidas, execramos as condições em países que permitem ou deixam persistir a fome, a doença e a dissolução familiar massiva. Fazemos tentativas através de várias organizações e grupos internacionais de melhorar algumas dessas condições. Contudo, mundialmente, não temos assumido o tipo de compromisso em nome das crianças do mundo que assumimos em relação a outros objetivos políticos e econômicos. Não elevamos a fome e a doença infantil ao topo das prioridades internacionais. Embora racionalizemos que há obstáculos políticos (e às vezes culturais) à proteção das crianças do mundo, todos sabemos que poderíamos fazer muito mais, fosse esse objetivo o número um em nossa agenda internacional.

Quando examinamos nossas políticas globais em relação às crianças, precisamos lembrar, também, que a privação emocional pode causar tanto estrago quanto a privação física e nutricional. Em alguns aspectos, o impacto da privação emocional é ainda mais devastador devido à dor e à desorganização que ela causa. Esse tipo de privação exaure o espírito humano e a capacidade de educar gerações futuras. A preocupação pelas crianças não permite separar necessidades físicas de necessidades emocionais. De fato, parte de nossa motivação para esse trabalho nas necessidades irreduzíveis de bebês e crianças é unir todas as carências básicas das crianças em uma estrutura, na qual a satisfação física, social, emocional e intelectual são vistas como igualmente fundamentais para a continuação da vida humana da forma como a conhecemos e, certamente, para a continuação do progresso social, político e econômico mundial. Essa estrutura tornaria possível "boletins" para cada nação com base em quão bem elas satisfazem estas necessidades básicas. Os boletins de necessidades irreduzíveis nos possibilitariam ir além dos indicadores de bem-estar da criança como mortalidade, morbidade e pobreza infantil e considerar "indicadores-chaves" para cada necessidade com base em recomendações feitas anteriormente neste livro. Por exemplo, poder-se-ia considerar políticas de licença de trabalho para os pais, leis de trabalho infantil, a qualidade do cuidado para bebês abandonados.